

LE VOYAGE DANS LA LUNE / 1902

Um filme de Georges Méliès

Realização, argumento (livremente adaptado de “De la Terre à la Lune”, de Jules Verne, de 1865), cenários e produção: Georges Méliès / Interpretação: Victor André (o astrónomo Nostradamus), Georges Méliès (o Professor Barbenfouillis / a Lua), Jehanne d’Alcy (a secretária / uma estrela / uma tripulante do foguetão), Blulette Bernon (a mulher na Lua), Henri Delannoy (o comandante do foguetão), Brunet (o astrónomo Alcofrisbar) e outros.

Produção: Star Films (Paris) / Cópia: 35 mm, muda, sem intertítulos, na versão restaurada e colorizada feita em 2011 pela Lobster Films e a Fondation Technicolor pour le Patrimoine du Cinéma / Duração: 16 minutos / Estreia mundial: Paris (Teatro Robert Houdin), 1 de Setembro de 1902 / Primeira apresentação em Portugal: data não identificada / Primeira apresentação na Cinemateca: 27 de Março de 1962, no âmbito do ciclo “Retrospectiva do Cinema Francês, Época Muda (1895-1929)”.

Le Voyage dans la Lune é apresentado com **Aelita**, de Jakov Protazanov (“folha” distribuída em separado).

Com acompanhamento ao piano por Filipe Raposo

Por mais que porfiem alguns membros da “comunidade académica” permanece válida a clássica divisão, feita pela primeira geração de historiadores do cinema, entre a vertente Lumière e a vertente Méliès no cinema das origens e nas origens do cinema, ou seja, entre o “realismo” e a “fantasia”, entre uma arte que nasce da fotografia e uma arte que vem do palco. Ainda hoje há realizadores que descendem mais ou menos diretamente (e em alguns casos se reivindicam), de um ou de outro dos dois grandes ancestrais. Pode-se argumentar inclusive que o cinema dos Lumière nada tem “primitivo”, contrariamente ao de Méliès (que também é bastante repetitivo), mas a divisão e a origem das duas vertentes, das duas nascentes do cinema, permanece válida. Os Lumière, como todos sabem, também fizeram ficções, embora certamente menos “espectaculares” do que as de Méliès. E Méliès, como todos também sabem, não fez apenas *féeries*, reconstituiu acontecimentos da realidade, como o caso Dreyfus e o coroamento de Eduardo VII (neste caso, uma falsificação e não uma reconstituição). Seja como for, quase cento e trinta anos depois da primeira projeção pública do *cinematógrafo*, para os espectadores a imensa beleza do cinema dos Lumière (e dos seus operadores) reside sobretudo nas suas *vistas* de diversas cidades do mundo e a de Méliès nas suas *féeries*.

Depois de anos de triunfo Méliès foi à falência em 1912 e num gesto de desespero destruiu centenas dos seus filmes. Quando morreu, em 1938, tinha-se conhecimento da existência de pouco mais de uma dúzia deles. Hoje, tem-se conhecimento de mais de duzentos de um total de mais de quinhentos e vinte (incluindo quinze filmes publicitários) recensados no catálogo *raisonné* que é a filmografia incluída em *Méliès - Images et Illusions*, de Jacques Malthête. Os filmes de Méliès que chegaram até nós permitem-nos ter uma visão de conjunto do seu trabalho. Sabemos que alguns destes filmes foram coloridos, inteiramente à mão, fotograma a fotograma, e que cada operária se dedicava apenas a uma das poucas cores utilizadas (algumas cópias coloridas de época sobreviveram, como a de **Cendrillon**). Podemos constatar que ele praticou diversos “géneros”: as viagens extraordinárias, os filmes baseados na prestidigitação, os filmes burlescos, as aventuras sobrenaturais, as adaptações de

lendas e de operetas, filmes sobre o tema do sonho e da alucinação (há um sobre um fumador de ópio), a reconstituição da realidade, além do filme publicitário, sendo este último gênero, entre aqueles que ele praticou, o menos conhecido pelo espectador de hoje. Muito livremente adaptado de *Da Terra à Lua* de Jules Verne, **Voyage dans la Lune** foi talvez o primeiro filme de ficção científica a ter sido realizado. Convém não esquecer que Méliès veio do teatro da fantasmagoria e da ilusão, que era extremamente popular no fim do século XIX. Muitos dos seus filmes são “teatro enlatado”, transposições ainda mais perfeitas dos truques de prestidigitação que ele fazia em palco. Por isso, Georges Sadoul, que lhe dedicou um importante livro, refere-se afetuosamente aos *abracadabras* do seu cinema. Também do teatro vêm as numerosas coristas que povoam tantos dos seus filmes, formando um verdadeiro harém de mulheres tão pouco vestidas quanto o permitia a época, que em França não era puritana. Méliès também foi o inventor das trucagens fotográficas (transformações, a aparição de “fantasmas” e duplos papéis para a mesma pessoa), embrião dos efeitos especiais, cujas técnicas foram difundidas em livros, à época em que o cinema nascia. O seu perfeccionismo de artesão, o seu talento de *bricoleur*, a sua minúcia no trabalho, vinda da prestidigitação (uma habilidade que não admite erros), conjugavam-se a uma imaginação transbordante e a um humor extraordinário (veja-se os seus filmes sobre Joana d’Arc e as tentações de Santo António). Os seus filmes sobre viagens derivam do imaginário de Jules Verne, por vezes diretamente dos seus livros, como é o caso deste, pois estas viagens são feitas a sítios inacessíveis. Um dos seus filmes mais belos e mais perfeitos abre esta sessão: **Le Voyage dans la Lune**, com o seu foguetão, a tropa de coristas que saúda os viajantes (e que antecipa os pelotões de dançarinas de Busby Berkeley, um dos grandes nomes da vertente Méliès do cinema), os velhos professores barbudos, o foguetão que aterriza sobre o olho da Lua (cuja “cara” é a do próprio Méliès), os selenitas semelhantes aos “selvagens” dos romances e álbuns ilustrados de fins do século XIX passados em terras distantes. Ilustrando o título de um dos seus filmes mais célebres, toda a obra de Méliès é uma viagem através do impossível. Como observou Paul Hammond: *“Os filmes violentos e divertidos de Méliès existem no território hilariante onde os opostos se reconciliam, em que a destruição dá lugar à reconstituição, a malevolência à benevolência, a fragmentação à continuidade. Todo o processo dinâmico é percebido num estado induzido pela objetividade incansável do seu estilo formal: um estado de devaneio, ideal para a recepção e a apreciação da genial poesia de Méliès”*. Pode-se preferir Lumière e os seus descendentes, mas quem não gostar de Méliès talvez não goste de cinema.

Antonio Rodrigues